

Os Missionários

Jesus de Nazaré esteve na Terra há mais de dois mil anos atrás, deixando seu Evangelho como roteiro de iluminação interior. Sua tarefa junto a nós, contudo, não se resume àqueles poucos anos de sua pregação; ao contrário, como responsável pela educação dos Espíritos que habitam este mundo, enviou, em todos os tempos e a todas as culturas, mensageiros com o propósito de esclarecer e orientar os homens.

Dentre esses emissários, destacou-se Moisés, incumbido de dirigir o povo Hebreu nos primórdios de sua organização social política, preparando o terreno, para que, mais tarde, ele mesmo, Jesus, viesse trazer sua mensagem.

Moisés consolidou a crença no Deus único (1ª revelação), base sobre a qual Jesus edificaria seu ensino de que Deus é Pai de todas as criaturas, ama-nos à todos igualmente e nos reserva futuro glorioso de plenitude e paz (2ª revelação).

Seria um grande erro, pois, pensarmos que a tarefa do Mestre se limitasse àqueles tempos da Palestina.

Ele esteve atento aos destinos humanos desde o princípio e sabia que não seria fácil para os homens o caminho da evolução espiritual, por isso prometeu que enviaria mais tarde um Consolador (João, cap. XIV, vv. 15 à 17 e 26), para lembrar o que Ele dissera e nos ensinar todas as coisas que não poderiam ser entendidas naquele tempo. O Consolador prometido por ele seria, pois, a 3ª revelação.

Espírito de Verdade

Em sua promessa, Jesus menciona o Espírito de Verdade que o mundo não vê e não conhece, mas que viria para estar eternamente entre nós. Analisando o texto da promessa, percebemos que Jesus já antecipava os descaminhos do homem em relação à mensagem que estava deixando. Se alguém seria enviado, para lembrar coisas que Jesus dissera, isso ocorreria, porque os homens teriam esquecido esses ensinamentos; e se viria para ensinar todas as coisas, é porque Jesus não pode ensinar tudo quando esteve aqui, por faltarem aos homens os pré-requisitos para o entendimento mais profundo da realidade.

Se o Consolador viria estar eternamente conosco, ele não poderia se apresentar como um ser encarnado, porque o corpo físico é perecível. Deduz-se, portanto, que o Espírito de Verdade precisaria de outra maneira de estar conosco em um corpo material.

A História mostra que as religiões instituídas pelo homem com base nos Evangelhos cometeram muitos desvios interpretativos e desenvolveram ações que estão muito distantes da fraternidade pregada por Jesus. Não precisamos lembrar aqui as guerras religiosas e os tribunais da inquisição que derramaram tanto sangue. O fato é que instituições tão afastadas do roteiro traçado pelo Mestre não teriam condições de receber o Consolador, motivo pelo qual ele teria que aparecer nos cenários do mundo fora das igrejas edificadas pelos homens.

Todo esse raciocínio é importante para nos possibilitar o reconhecimento de que a promessa de Jesus já foi cumprida e o consolador está entre nós.

A Doutrina Espírita surgiu em 1857, na França. Apresentou-se como ciência de observação do fenômeno mediúnico e doutrina filosófica de cunho eminentemente moral,

que reconhece no Evangelho de Jesus o código mais perfeito de ética, capaz de levar os homens à obtenção das metas de espiritualização e vivência fraternal.

Hippolyte Leon Denizard Rivail foi o codificador dessa doutrina, para cuja elaboração concorreram muitos médiuns e uma grande equipe de Espíritos, sob a supervisão de elevada entidade espiritual que se identificou como Espírito de Verdade.

Estão aí os elementos necessários à identificação do Consolador. O Espírito de Verdade se manifesta pelos médiuns, que existem em todas as culturas, em todos os tempos.

Se um médium se desvia da rota, outros podem substituí-lo, porque a mediunidade é potencialidade inerente ao homem, por isso a mensagem que recupera os ensinamentos de Jesus e amplia nosso conhecimento da realidade pode estar eternamente conosco.

Seria necessário, todavia, um corpo de doutrina que nos preparasse para exercer a mediunidade com esclarecimento e objetivos nobres, facultando à humanidade os canais de comunicação com a Espiritualidade Superior. Intercâmbio mediúnicos sempre ocorreu na história do homem, mas nem sempre com os conhecimentos necessários para desvestir o fenômeno do caráter sobrenatural ou mágico, que sempre interfere na interpretação da realidade e cria núcleos de sombra e poder.

A humildade intelectual do professor Rivail, eminente pedagogo e humanista francês, com várias obras já publicadas naquela época, levou-o a adotar o pseudônimo Allan Kardec, ao publicar as obras espíritas, a fim de que o público não se confundisse em relação à verdadeira autoria da Doutrina esclarecedora que chegava ao mundo, para orientar e consolar as criaturas. Em momento algum de sua exaustiva tarefa de codificar e divulgar a Doutrina dos Espíritos, colocou-se Allan Kardec orgulhosamente como autor de qualquer revelação divina ou religião. Ao contrário posicionou seu trabalho como mais uma pedra no edifício da espiritualização do homem, convidando-nos a buscar pelo estudo e pela reflexão o entendimento das verdades que se encontram na extensa fenomenologia psíquica de todos os tempos.

Finalidade das Religiões

O Espiritismo, pois, não se posiciona contrariamente a qualquer religião, mas se apresenta como o maior de seus auxiliares, uma vez que oferece armas racionais à consolidação da fé. A finalidade das religiões é levar o homem à moralidade, e o conhecimento espírita contribui para que essa finalidade seja atingida. A Doutrina Espírita nos ensina a amar o meigo Rabi da Galiléia, induzindo-nos ao esforço necessário para colocar em prática seus ensinamentos. Mostra-nos Jesus, não como Deus, mas como um Espírito da mais alta hierarquia e destaca o sentimento de amor que Ele demonstrou pela humanidade, pois deixou os paramos luminosos em que vivia, para trazer-nos a orientação quanto ao caminho que precisamos trilhar, para alcançarmos também a plenitude de ser.

Rejeitando o dogma da divindade de Jesus, o Espiritismo nega apenas o que resultou da elaboração de mentes humanas na composição de uma teologia que expressa, nesse particular como em muitos outros, uma posição contrária ao pensamento do próprio Cristo.

Em várias passagens dos Evangelhos, encontramos textos em que Jesus afirma categoricamente não ser Deus, colocando-se como um enviado do Altíssimo, a quem se

subordina e de quem se faz porta-voz.

Aos que desejem ir diretamente à fonte, recomendamos a leitura das seguintes passagens: João VIII, 42; João VII, 33; João IX, 48; João XII, 49 e 50; Mateus XXIV, 35 e 36.

O Cristianismo não oferece nenhum obstáculo aos ensinamentos espíritas, que são, ao contrário, uma retomada dos postulados básicos ensinados pelo Cristo já livres de dogmas nele enxertados pelas organizações humanas que assumiram a posição de detentoras do legado de Jesus, como se Ele houvesse instituído uma organização religiosa e nomeado seus continuadores. Jesus não fundou nenhuma religião, os homens é que o fizeram e deram a ela a feição a que estavam acostumados.

Doutrina Espírita, o Consolador prometido

Identificamos na Doutrina Espírita o Consolador prometido, porque ela realiza o que Jesus prometeu: traz o conhecimento que faz o homem saber de onde vem, para onde vai e porque está na Terra; ameniza a dureza das provações, porque acende em cada coração a lua da esperança; desperta em cada um o sentimento de religiosidade natural que prescindem de dogmas, templos e hierarquia sacerdotal para se externar. E, porque nos permite todo esse entendimento, a Doutrina Espírita nos aproxima do Criador e de seu maior mensageiro: Jesus. Podemos, pois, os espíritas que nos esforçamos por praticar a moral cristã nos dizermos espíritas cristãos.

E se você, amigo, acredita que Deus tem enviado mensageiros à Terra para esclarecer o homem, por que acharia que Ele não pode enviar também os bons Espíritos, para confundir os orgulhosos e lembrar de maneira mais precisa que somos todos espíritos em trânsito para a evolução? Quem ousaria pôr limites ao poder de Deus e determinar o que Ele deve ou não fazer? Se essas reflexões lhe parecem lógicas, não se contente só com isso, venha estudar o Espiritismo e engajar-se nas tarefas de divulgação desta mensagem, para construirmos juntos um tempo novo de paz. Dalva Silva Souza.